

LENZ: A TRAJETÓRIA DO SER HUMANO

por IRENE ARON (USP)

O polêmico "relato" de Peter Schneider, Lenz, sobre a trajetória de um jovem representante dos intelectuais alemães de esquerda, escrito em 1973, suscita uma série de indagações a respeito de pontos de contato entre esta obra e a novela-fragmento homônima, escrita por Georg Büchner em 1836.

De um lado, encontra-se Peter Schneider, nascido em Lübeck, República Federal da Alemanha, em 1940. A partir de 1961, Schneider passa a viver em Berlim Ocidental, onde estudou filosofia, germanística e história, e desde 1967 exerce a atividade de escritor. O reconhecimento da cidade de Berlim por seu talento valeu-lhe o Prêmio Geração Jovem de 1969, conferido por essa cidade.

A obra de Schneider retrata a busca constante da interrelação consciente entre política e literatura, preocupação permanente, que resultou da reflexão do autor, a respeito de sua própria atividade política, iniciada com sua militância pelo Partido Socialista da Alemanha, o SPD de Willy Brandt, ainda nos anos sessenta. Além de Lenz, Schneider publicou em 1970, Ansprachen, uma coletânea de discursos, notas e poesias; Atempause ("Pausa para Respirar"), "Tentativa de ordenar minhas idéias a respeito de literatura", de 1977; Alte und neue Szenen zum Thema Radikale ("Cenas antigas e novas a respeito do tema 'radicais'"), em: Theaterstücke zum Radikalenerlass, de 1978; Messer im Kopf ("Punhal na Cabeça"), roteiro para o filme de Reinhard Hauff, de 1979; Der Mann auf der Mauer ("O Homem sobre o Muro"), e Der Mauerspringer ("O Saltador do Muro"), de 1982, além de roteiros para a televisão.

Em seu Lenz, Peter Schneider focaliza, ao lado da angústia existencial e da progressiva perda de contato do ser humano com o mundo, próprias do Lenz de Georg Büchner, a angústia político-revolucionária oriunda do movimento estudantil de 1968 na Alemanha. O Lenz berlinense canaliza as preocupações políticas de toda uma geração, de que resulta uma atitude contestatória diante do marxismo ortodoxo. Schneider tenta conciliar política e literatura, propondo uma nova alternativa para o papel da literatura nessa época de transformações que caracterizou os anos sessenta na Alemanha, alternativa que se revela também política, como uma possibilidade de um novo caminho para a "nova esquerda" alemã.

De outro lado, situa-se Georg Büchner, resgatado por Schneider, à época contemporânea através de seu Lenz. Este fato reafirma a sempre renovada importância para a literatura alemã

de Georg Büchner, autor de A Morte de Danton (drama, 1835), Woyzeck (drama, 1836) e Leonce e Lena (comédia, 1836), obras que provocaram, por parte dos poucos que delas tomaram conhecimento, na época em que surgiram, grande estranhamento e incompreensão. Essa obra permaneceu esquecida, e portanto praticamente desconhecida até 1879, com a publicação das Obras Completas do autor, quando ocorreu a redescoberta definitiva de Büchner e a compreensão e aceitação das inovações propostas por sua obra. Büchner constitui por esse fato um fenômeno curioso na história da literatura alemã, pois sua obra mantém-se atual e moderna até os nossos dias, possibilitando que se recriem, a partir dela, experiências para a literatura contemporânea que correspondem à expectativa da nossa época atual.

Por ocasião do nascimento de Büchner, em 1813, na cidade de Goddelau, Grão-Ducado de Hesse, a Alemanha atravessava um período de transição social e política que duraria muitos anos, até praticamente 1871, ano da unificação da Alemanha por Bismarck, quando então os ideais de reformulação política se concretizaram. A preocupação com os problemas políticos e a situação social dos camponeses da região de Hesse levam Büchner a exercer intensa atividade política, o que o obriga finalmente a procurar asilo, primeiramente em Estrasburgo, na França, e finalmente em Zurique, na Suíça, onde morreu em 1837.

São originárias de Estrasburgo as primeiras menções em carta a respeito de Lenz, Jakob Michael Reinhold Lenz, o poeta genial do Sturm und Drang (1), nascido em 1751, e que morreu completamente louco, só e abandonado por todos, numa rua de Moscou, em 1792: "Conseguí aqui anotações interessantes sobre um amigo de Goethe, um poeta infeliz de nome Lenz, que se deteve por aqui

Fragments; r. DLLE/UFSC, Florianópolis, Nº 2, 45-53, Jul./Dez. 1986

ao mesmo tempo que Goethe, e que quase enlouqueceu. Penso publicar uma dissertação a respeito na Deutsche Revue." (2)

Büchner vinha-se dedicando há algum tempo a esta personalidade, movido com certeza pela curiosidade acerca desta personalidade controversa, bem como pela descoberta de inúmeros pontos de contato entre o seu pensamento estético e o pensamento estético de Lenz. Por este motivo, Lenz torna-se, na novela de Büchner, o porta-voz de suas idéias a respeito de literatura e de suas críticas contundentes ao Idealismo alemão, representado pela obra e pelo pensamento de Schiller em seu período clássico: "...com certeza o bom Deus fez o mundo como ele deve ser e de certo não podemos inventar nada melhor; nossa única preocupação deve ser imitá-lo um pouquinho. Em tudo exijo - vida, possibilidade de existência. ... Querem personagens idealistas, mas bonecos de madeira foi tudo que vi a esse respeito. Esse idealismo é o mais ignominioso menosprezo à natureza humana." (3)

Coincidentemente, o "poeta infeliz", rival frustrado de Goethe, na vida e na arte, citado na carta, foi autor de duas obras-primas da dramaturgia alemã, Os Soldados e O Preceptor, contudo permaneceu esquecido durante várias gerações, apesar de uma edição de suas obras, datada de 1828. A obra lírica de Lenz também revela seu grande talento. Algumas poesias foram dedicadas a Friederike Brion (o mesmo nome da criança morta na novela de Büchner), a amante de Goethe, que foi sua grande e não correspondida paixão. Tal qual ocorreu com Büchner, Lenz foi redescoberto pelos expressionistas alemães, por volta de 1920, quando O Preceptor foi representado nos palcos alemães, numa adaptação feita por Brecht.

Já demonstrando sinais de sua perturbação mental, Lenz

Fragmentos; r. DLLE/UFSC, Florianópolis, Nº 2, 45-53, Jul./Dez. 1986

passou, durante o inverno de 1778, algumas semanas na Alsácia , região que serviu de cenário para o caso amoroso de Goethe e Friederike. Lá hospedou-se em casa de um pastor protestante, de nome Oberlin, que deixou documentada num diário a estada do poeta em sua casa, até a partida forçada para Estrasburgo, ainda no inverno de 1778.

Esse relatório, que registra a chegada de Lenz à casa do pastor, sua convivência por vezes difícil com a família e os aldeões e as inúmeras tentativas de por fim à vida, chega às mãos de Büchner através de amigos, quando de sua estada nessa região, em 1835/36, fugindo das autoridades. Além do manuscrito, Büchner tem acesso a algumas cartas de Lenz. A novela de Büchner nunca foi concluída, talvez pelo fato de a Deutsche Revue, revista onde esperava publicá-la, ter sido proibida antes mesmo do lançamento do primeiro número. Contudo, supõe-se que ele pretendia concluir sua novela, acrescentando-lhe outros fatos narrados por Oberlin em seu diário, além de trechos das cartas de Lenz.

O fragmento será publicado na revista Telegraph für Deutschland apenas em 1839, dois anos depois da morte do autor vitimado pelo tifo, durante seu exílio na Suíça. Embora inacabada, Lenz constitui uma das obras mais conclusivas e definitivas da literatura alemã a respeito da gradativa perda de contato do ser humano consigo mesmo e com o mundo: a trajetória do poeta em direção à sua auto-destruição.

Outros temas caracteristicamente büchnerianos, como o tédio, a solidão, o mundo absurdo, igualmente estão presentes no Lenz, e, embora gerassem a incompreensão dos contemporâneos do autor, tal a ousadia que representava a maneira de Büchner abordá-los, estão intrinsecamente ligados ao homem moderno, indican-

do sentimentos e comportamentos muito próximos de nós.

Assim é que a maioria deles foi retomada por Schneider em seu relato, onde pretende "narrar de maneira nova a novela de Büchner", como diz a nota de capa da primeira edição do Lenz, grande sucesso, com 40.000 exemplares vendidos em um ano. Conforme já mencionamos, o cenário de Lenz é a Berlim das revoltas estudantis de 1968. Não se trata porém de uma simples transposição do Lenz de Büchner para o contexto berlinense dessa época turbulenta, mas deve-se observar o desenvolvimento peculiar da problemática do homem distanciando de si mesmo e de seu mundo, em épocas e contextos sociais diferentes, com um caminho viável para a reconquista desse contato, alternativa possível para o Lenz de Schneider, ao contrário do herói de Büchner.

Schneider retrata a sua personagem em plena crise de identidade, à procura de um caminho: o intelectual berlinense rejeita a sua origem burguesa e tenta unir-se à classe operária, fazendo-se até mesmo passar por um deles, porém, sem sucesso. Tampouco bem sucedidos os seus esforços de reconciliação com a mulher amada. Finalmente, ao ver frustradas suas tentativas de conciliar a teoria à práxis de esquerda, e sua necessidade de amor e solidariedade, Lenz viaja para a Itália, seguindo assim uma longa tradição das artes e das letras alemãs, como Goethe, por exemplo. Na Itália ocorre a almejada conciliação do eu com a sociedade, a política, a teoria, a felicidade: no saudável mundo do eurocomunismo, como os intelectuais da esquerda alemã o vêem, Lenz encontra "a velocidade apropriada para minhas percepções, para a associação de minhas percepções com meus conhecimentos". (4) Portanto, ao contrário do Lenz histórico e do herói de Büchner, que seguem uma trajetória errática, sem ter, nem poder che-

gar a qualquer destino, o Lenz de Schneider reencontra a si mesmo. Deixa de caminhar a esmo pelas cidades onde se encontra, ou de andar de trem ou metrô, sem querer chegar a parte alguma. Consegue viver novamente o momento, não mais vazio e insatisfatório, mas agora cheio de realizações. Sua decisão de ficar na Alemanha, depois da saída forçada da Itália, significa o encontro de si mesmo e de seu lugar social, um final feliz, apesar de tudo.

Este desfecho, que significa o encontro da medida certa para o equilíbrio entre objetividade e subjetividade, caracteriza a "Nova Subjetividade", a tendência mais significativa da literatura alemã dos anos setenta. A Nova Subjetividade cristaliza a postura de toda uma geração de jovens escritores alemães que se opõe à literatura dos anos sessenta, extremamente politizada, dirigida quase que exclusivamente ao coletivo, em detrimento do eu, relegado a um mero segundo plano. Esta geração pretende dar maior ênfase agora à redescoberta do eu, da identidade, resultado, conforme afirmamos anteriormente, de uma harmonia mais completa entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo.

No texto de Schneider surgem inúmeras indagações a respeito da validade ou da praticidade da atividade política, e esse fato nos leva a mencionar mais um ponto de contato entre os dois autores, ambos intelectuais e envolvidos em atividades políticas. BUCHNER, em seu exílio em Estrasburgo, expressa mesmo em muitas cartas toda a sua decepção pelo fracasso da tentativa de transformar a situação social e política pela força, mostrando assim uma fria objetividade quanto às reais possibilidades de êxito do movimento em que estava engajado: "Não diria isto a você se pudesse, mesmo remotamente, acreditar agora na possibilidade de uma reviravolta política. Há meio ano convenci-me completamente

te de que nada há a fazer e que todo aquele que neste momento se sacrificar, arriscará sua vida como um idiota. Não posso dar-lhe mais detalhes, mas conheço a situação, e sei como é fraco, insignificante e dividido o partido liberal, sei que uma ação oportuna e conveniente é impossível, e também que qualquer tentativa não conduzirá nem mesmo ao mínimo resultado." (5).

O grande número de citações da novela de Büchner no texto de Schneider constitui-se sem dúvida no ponto de contato mais evidente entre os dois textos. Através da montagem, o texto de Büchner é resgatado assim para a nossa época contemporânea: as citações ocorrem com frequência, principalmente as fortes e contundentes descrições da natureza, inseridas ora integralmente, ora com adaptações ao novo texto, mostrando, tanto em um quanto em outro, a maneira pela qual o herói consegue ver e sentir a natureza, quase personificada, na maioria das vezes hostil, ameaçada em suas cores e em sua força. Bastam algumas citações para exemplificar a técnica usada por Schneider:

Schneider

Büchner:

"Largos planos estendiam-se em direção aos vales, pouca floresta, nada além de contornos rochosos e picos, e mais acima os despenhadeiros pedregosos.";

"Amplas encostas desciam até os vales, pouca floresta, nada além de contornos vigorosos, e mais adiante a ampla planície fumegante.";

"...desceu a encosta correndo...";

"Levantou-se num ímpeto e voou encosta abaixo.";

"...agia consigo mesmo como se

fosse uma criança doente.";

"...tratava a si mesmo como a
criança enferma.";

"Imagens antigas, submersas,
ressurgiam..."

"...velhas esperanças passadas
ressurgiam;" ou

"..vultos remotos, rostos es-
quecidos ressurgiam da escuri-
dão, velhas canções desperta-
ram...". (6)

O resultado desta montagem bem sucedida é a união, num texto novo, vigoroso e atual, de dois autores e duas épocas muito distantes entre si, demonstrando a validade atemporal do texto de BÜchner, que por sua vez serve de mediação entre o Lenz histórico e o Lenz berlinense, permitindo que as três personagens ou os três autores se revelem diante de nós.

NOTAS

- (1) - *Tempestade e Ímpeto*, fase pré-romântica da literatura alemã, que se estendeu de 1771 a 1785, aproximadamente.
* Georg BÜchner, Obras Completas, Editora Christian Wegner, Hamburgo, vol. II, 1971, p.448.
- (2) - Carta aos pais, Estrasburgo, outubro de 1835.
- (3) - Georg BÜchner, Lenz, Editora Brasiliense, São Paulo, 1985, pp. 134-135.
- (4) - Id. *ibidem*, pp. 99-100
- (5) - Georg BÜchner, Obras Completas, Editora Christian Wegner, Hamburgo, vol. II, 1971, p.440: Carta ao irmão, Estrasburgo, 1835.
- (6) - Lenz, Editora Brasiliense, São Paulo, 1985, respectivamente: pp. 71, 139; 76 e 125; 81 e 138; 86, 126 e 129.